



É difícil acreditar que tudo estava de pé meia hora antes de a gente sair de lá. Isso é uma loucura

HOMEM, que comprou um apartamento no edifício

CORREIO por telefone, chegou a desmaiar quando perguntado sobre o que sentiu ao ver a montanha de entulho. Iria morar no 201.

Pelo sonho da casa própria, vendeu um terreno e juntou mais algumas economias. Da mesma forma, vinha morando de aluguel à espera da entrega das chaves. “Onde vou colocar minha família?”, perguntou, antes do mal súbito.

Nenhum dos moradores relatou ter visto qualquer problema. Não havia rachadura, tampouco infiltrações. Tanto o Guaratinga quanto a construtora responsável só recebiam elogios dos futuros moradores e vizinhos.

A surpresa foi grande quando souberam que a obra não tinha sequer alvará. O dono da empresa, de prenome Silvio, era tido como responsável. “Mostrava toda a papelada pra gente. Um sujeito sério, com boas relações”, disse Antônio de Oliveira, dono de um apartamento.

O Guaratinga era tum em-
preendimento de classe mé-
dia. Os 16 apartamentos, entre
dois e três quartos, eram divi-
didos em três por andar. Três
pavimentos ficavam acima do
térreo e das garagens. Outros
três andares foram construí-
dos abaixo do térreo. De todos
os apartamentos, restava
apenas um para ser vendido. A
maioria dos que seriam entre-
gues estava 100% paga.

‘Eu quero é minha mãe’, diz garota

– Você está precisando de alguma coisa? Perguntou uma mulher na enfermaria.

– Eu quero é minha mãe. Se você não pode trazer, não quero nada, respondeu Cecília Santos Moura, 7 anos, uma das vítimas da tragédia de Pernambuco. Ela e o irmão, André Santos Moura, 9 anos, estão internados na pediatria do HGE.

“As crianças souberam da morte da mãe hoje pela ma-

nhã (ontem). O pai delas contou antes de viajar”, disse a recepcionista Elaine de Araújo Moura, 30 anos, prima das crianças. Pai de Cecília e André, o chefe-de-obra. Eleduardo Sampaio Moura viajou às pressas para o enterro da mulher, Nívea Maria Moura, sepultada ontem à tarde em Gavião, a 245 quilômetros de Salvador. Elaine disse que a tragédia deixou a família muito abala-

da. “Ainda estamos juntando forças para superar tudo isso. Afinal, foram duas mortes”. Além de Nívea, morreu também o sobrinho Caio Anunciação Moura, 20. O jovem foi enterrado no domingo, em Araci. Cecília sofreu fratura exposta no dedo do pé direito e André teve escoriações. O garoto deve deixar hoje a unidade. Os dois serão levados para Gavião, onde vão morar com o pai e avós.

Escombros invadem casa

Duas semanas na casa recém-construída e a sala de estar se transformou num monte de entulho. O carro, um Renault Logan zero, virou ferro-velho. A família do servidor público Adilson Chaves saiu ilesa, mas o susto foi grande.

A residência fica logo ao lado da casa em que duas pessoas morreram, e que ficou completamente destruída com os escombros. Pai e mãe estavam no quintal. Os filhos na sala de televisão.

Foi por pouco. “Foi desesperador. Vendo a situação dos vizinhos, a gente ficou no lucro”, disse Adilson.

Dois pedreiros que trabalharam na obra do prédio disseram ter saído do imóvel minutos antes do desabamento. Francisco da Cruz Cerqueira, 46, e Cristiano Gonçalves, 32, contam que até acompanharam a visita dos futuros moradores e participaram de uma reunião com o encarregado.

Ainda tentaram, em vão, avisar ao colega Renildo Gomes Miranda, que morreu sob os escombros.

“A gente ouviu os estalos e começamos a gritar. Não teve jeito porque ele tava assistindo televisão e as janelas estavam fechadas”.

Houve saques no início da manhã. Moradores subiram na montanha de entulho e recuperaram roupas, brinquedos e restos de eletrodomésticos. A polícia foi chamada e afastou os saqueadores.

Sucom e Crea alertaram sobre riscos

Tanto a Superintendência de Ordenamento e Uso do Solo do Município (Sucom) quanto o Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea) notificaram a empresa responsável pela construção do Edifício Guaratinga antes do desabamento. O próprio superintendente da Sucom, Cláudio Silva, informou que a obra foi notificada três vezes, a última no dia 23 de junho, para que fosse paralisada.

Tudo porque o projeto previa a ocupação de 534 metros do terreno, quando o permitido para aquelas condições de solo era de 415 metros. “Isso criou um sobrepeço no terreno. Construíram de forma clandestina, nos finais de semana”, diz Cláudio Silva. Segundo ele, a empresa

chegou a dar entrada em dois pedidos de revisão de alvará, mas ambos foram indeferidos. Cláudio Silva garantiu ainda que, na entrega dos imóveis, não seria concedido o habite-se, documento concedido que autoriza a ocupação.

Em nota, o Crea informou que abriu um processo administrativo para apurar as responsabilidades dos profissionais envolvidos na obra. A nota diz ainda que no dia 12 de junho, o conselho notificou a empresa “que se encontrava em situação irregular por falta de registro”.

Moradores de Pernambuco informam que há outros imóveis na região construídos pela empresa. Um deles seria o edifício Francisco Alves, que fica a 20 metros do prédio que desabou. Mas, a Sucom informou que não há qualquer outra licença para a Marques Lima Ltda.